

**O FIM DISCURSIVO E A PROTOTIPICIDADE DO  
ARTIGO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA<sup>1</sup>**

**THE DISCURSIVE AIM AND THE PROTOTYPICITY  
OF THE CIENTIFIC PUBLICIZING ARTICLES**

Tatiane Kaspari<sup>2</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, aborda-se a relação entre fim discursivo, organização retórica e configuração prototípica do artigo de divulgação científica. Adota-se por base teórica a proposta de Bernárdez (1995), a qual concebe que a organização textual pode ser entendida como uma série de vias de continuidade etiquetadas com as relações da *Rhetorical Structure Theory* e afirma que a adoção por um determinado fim discursivo influenciará na organização retórica de um texto.

**PALAVRAS-CHAVE:** artigo de divulgação científica, fim discursivo, prototipicidade.

**ABSTRACT:** In this article, to accost the relation among discursive aims, rhetorical organization and prototypic configuration of scientific publicizing articles. It uses to theoretical bases the proposal from Bernárdez (1995) which conceive that textual organization can be understand as a series of continuity means labeled with the relations presented by *Rhetorical Structure Theory* and affirm that the adoption for a determinate discursive aim will influence in the rhetorical organization of text.

**KEYWORDS:** scientific publicizing articles, discursive aim, prototypicity.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta e analisa brevemente a relação entre a organização retórica do texto de Divulgação Científica (artigo DC) e o fim discursivo da interação. Para tal, vale-se dos resultados do projeto Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica (ORTDC), que

---

<sup>1</sup> Trabalho vinculado ao projeto ORTDC (Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica), realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), sob coordenação pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Eduarda

Giering ([eduardag@unisinobr](mailto:eduardag@unisinobr)).

<sup>2</sup> Acadêmica de Letras – Português, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), tendo sido, de fevereiro a dezembro de 2007, bolsista de Iniciação Científica UNIBIC (UNISINOS), participante do projeto ORTDC (Organização Retórica de Textos de Divulgação Científica). ([tatianekaspari@yahoo.com.br](mailto:tatianekaspari@yahoo.com.br))

investiga a organização retórica de 120 artigos DC, publicados em contexto midiático. Adotou-se, no projeto, um modelo de enfoque cognitivo para a descrição das tomadas de decisão do produtor na concepção de seu texto, tomado como configuração estratégica, enfatizando-se o valor probabilístico entre as unidades macroestruturais do texto. A escolha desse modelo deve-se à proposta de E. Bernárdez (1995), segundo a qual a organização textual pode ser entendida como uma série de vias de continuidade etiquetadas pelas relações da *Rhetorical Structure Theory* (RST) (Mann; Thompson, 1988). Assumiu-se, também, a idéia de que um tipo textual tem particularidades quanto à sua organização retórica determinadas pelo contexto institucional da comunicação e pelo fim discursivo da interação.

Assim, a grande recorrência de determinadas relações nos textos do *corpus* da pesquisa, bem como a não ocorrência de outras, e a adoção predominante do fim discursivo “fazer-saber” apontam para a existência de uma configuração prototípica do artigo DC. Nos textos, contudo, em que houve a opção por um fim discursivo diverso, observou-se uma configuração mais distante da prototípica (com a mobilização de relações não muito recorrentes em outros textos), evidenciando-se aí a influência do fim discursivo sobre a organização retórica do artigo DC.

## 2. UM POUCO DE TEORIA

Para o estudo da organização retórica dos artigos DC, partiu-se das reflexões de Bernárdez, que problematiza os modelos lingüísticos de estudo do texto, uma vez que não há, para o texto, categorias universalmente aceitas como há para a oração (SN, SV, SP...). Em busca de categorias próprias do sistema textual, o lingüista propõe a adoção, com algumas modificações, do modelo da *Rhetorical Structure Theory* (RST), enfocando-se o estudo da organização retórica dos textos.

À semelhança de outros sistemas naturais, Bernárdez concebe o texto como um “sistema complexo, dinâmico e aberto” (1995, p. 138;1989). Para Bernárdez, a linguagem é um sistema

*complexo* porque está formado pela interação de numerosos subsistemas (que, por sua vez, são, em sua maioria, dinâmicos e abertos). Na linguagem, não se trata somente dos “(sub)sistemas gramaticais” (morfologia, sintaxe, pragmática, etc.), mas também da linguagem “como ferramenta” para conseguir algo, “como meio de cooperação social”, etc. *Dinâmico*, porque o fator “tempo” é fundamental: tanto a produção quanto a recepção do texto têm lugar no tempo; também o “estado mental” de P (produtor) e o “estado mental” de R (receptor) não se produzem somente como uma

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935  
Educação, Cultura, Linguagem e Arte  
www.unioeste.br/travessias

codificação/decodificação atemporal, e sim como uma série de processos sucessivos, isto é, temporais e que podem ir-se modificando cronologicamente. *Aberto* porque a comunicação lingüística depende sempre de fatores externos: como se sabe, a estrutura de um texto não depende somente da língua, mas também, e fundamentalmente, das características do produtor, do receptor, do meio, da situação comunicativa etc. (BERNÁRDEZ, 1995: 138).

Em vista disso, o lingüista postula que é possível, como com outros sistemas naturais, enfocar os processos lingüísticos como resultantes de um processo de auto-regulação. Bernárdez salienta, porém, que a linguagem humana, diferentemente dos sistemas naturais, apresenta um processo consciente e teleológico, não meramente automático. Isso significa que, pelo princípio de cooperação griceano, produtor (P) e receptor (R) buscam alcançar o “estado ótimo” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 153), ou seja, ao mesmo tempo em que P deseja que R acesse o mais exatamente a mensagem de P (Mp), R deseja compreender com exatidão Mp. Assim, o contexto em que se produz a interação influenciará na constituição do texto, uma vez que as informações contextuais são utilizadas por P para que possa aproximar ao máximo seu texto do que considera um texto ótimo.

Assim como há contextos prototípicos (como o jornalístico e o acadêmico no artigo DC), para Bernárdez, existem também configurações textuais prototípicas, ou seja, “mais prováveis e, em conseqüência, mais previsíveis” (1995, p. 157). Em relação à construção de certos tipos textuais (carta de pêsames, receita...) que seguem uma configuração prototípica (conseqüência da configuração ótima), afirma Bernárdez (1995, p. 158):

“Podemos supor que a construção desse ‘tipo de texto’ está relativamente automatizada, precisamente por ser a mais provável: P não necessita realizar toda uma complexa série de ‘cálculos’ para construir seu texto em função de R+C [receptor + contexto], pois a cultura (lingüística) lhe proporciona uma série de fórmulas que ‘lhe dão feita’ grande parte do trabalho.”

Ressalta-se o valor probabilístico envolvido na concepção de prototipicidade, ou seja, de forma alguma, pode-se, pela configuração prototípica de um certo tipo textual, predizer 100% a forma que um texto tomará, uma vez que o automatismo das regras não pode ser aplicado ao texto, pois este é excessivamente complexo por ligar-se intimamente ao contexto, que, por sua vez, ainda que se mantenha o mesmo, se modifica constantemente pela própria enunciação.

Dessa forma, as opções de P para a configuração de um texto remetem à noção de estratégia e não de regra.

Para Bernárdez, a diferença entre regra e estratégia está no caráter mais ou menos automatizado. Enquanto que as estratégias são, em maior ou menor grau, livres, sem serem únicas ou absolutas; as regras possuem caráter automático. Assim, o automatismo das regras é aplicável somente a níveis estritamente locais do texto (fonológico, morfológico, sintático...), fazendo-se impossível estabelecer “regras” de construção textual.

Nesse sentido, concebendo-se o processo de formação do texto como uma “ação”, para que possam ser considerados de um mesmo tipo, os textos “deverão ‘fazer’ aproximadamente a mesma coisa em contextos aproximadamente iguais” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 184), isto é, deverão apresentar, além da paridade entre os contextos em que são produzidos, uma semelhança entre as mensagens que transmitem. No entanto, ainda que tenham uma intenção comum e mensagens semelhantes, a adequação ao leitor, com vistas ao êxito da interação, poderá implicar a mobilização de diferentes estratégias para a obtenção do texto ótimo naquelas condições.

Em relação à finalidade do texto, Charaudeau (2006) afirma que toda troca linguageira envolve a expectativa de sentido dos participantes em relação à interação. Assim, todo ato de linguagem se dá em uma problemática de influência que pode ser expressa em forma de *visadas*, que são de quatro tipos:

“a *prescritiva*, que consiste em querer “fazer fazer”, isto é, querer levar o outro a agir de uma determinada maneira; a *informativa*, que consiste em querer “fazer saber”, isto é, querer transmitir um saber a alguém a quem se presume não possuí-lo, a *incitativa*, que consiste em querer “fazer crer”, isto é, querer levar o outro a pensar que o que está é verdadeiro (ou possivelmente verdadeiro); a visada do *páthos*, que consiste em “fazer sentir”, ou seja, provocar no outro um estado emocional agradável ou desagradável.” (CHARAUDEAU, 2006, p. 69)

A noção de *visada* de Charaudeau é semelhante à de *fim discursivo* adotada no projeto ORTDC. Conforme Bernárdez, a opção por um determinado fim discursivo exercerá influência sobre a organização retórica de um texto, uma vez que, em função da finalidade a que visa, P lançará mão de certas estratégias para macroestruturar seu texto.

A fim de dar conta da questão da macroestruturação do texto<sup>3</sup>, Bernárdez recorre à teoria da RST, desenvolvida por um grupo de lingüistas norte-americanos encabeçados por William Mann e Sandra Thompson. A concepção de retórica nesta teoria difere da noção clássica, entendendo-se a estruturação textual como reflexo das opções de organização e de apresentação de P (Mann et all, 1992).

Constituindo-se de um modelo de enfoque textual cognitivo, a RST postula que o texto é composto de partes correlacionadas por meio de relações, à semelhança da gramática oracional, de “subordinação” e de “coordenação”. No texto, essas relações organizam-se em relações semânticas, que “enlaçam semanticamente partes do texto” (BERNÁRDEZ, 1989, p. 113), e em relações pragmáticas, estabelecidas conscientemente por P para levar o leitor (L) a “fazer algo”. O estabelecimento das relações permite prever probabilisticamente as estratégias de formação de um texto, num nível macroestrutural.

Pressupõe-se, na RST, que o texto seja organizado em dois níveis básicos de informação: o que apresenta a proposição principal e o que traz a proposição secundária. As relações, pois, organizam-se em núcleo (N) – segmento que apresenta as informações mais importantes – e em satélite (S) – segmento que, subordinado à proposição principal, encerra as informações adicionais, auxiliando na compreensão de N.

As relações postuladas pela RST são: (a) de Apresentação – Antítese, Capacitação, Concessão, Evidência, Fundo, Justificativa, Motivação, Preparação, Reformulação, Resumo; (b) de Conteúdo – Alternativa, Causalidade, Circunstância, Condição, Elaboração, Avaliação, Método, Não-Condiciona, Propósito, Resultado, Solução; (c) Multinucleares – Contraste, Lista Reformulação, Seqüência, União. Essas relações são funcionais, pois apresentam categorias de sentidos produzidos ou intenções de P. Se P, por exemplo, supor que L não compreenderá suficientemente N, poderá lançar mão da relação de Fundo, cujo S tem como característica fornecer informações que servirão para facilitar a compreensão da afirmação em N. Como efeito esperado da relação de Fundo, tem-se, pois, o aumento da capacidade de L para entender N. Assim, as relações podem ser descritas em função dos objetivos de P e de suas suposições em relação a L.

---

<sup>3</sup> Macroestruturação e organização retórica são conceitos semelhantes para Bernárdez, que, por fim, acaba optando pelo uso de “retórica”, em conformidade com a RST.

A análise da RST atribui um papel e uma intenção a cada unidade textual, tendo em vista “o que um leitor de um texto deve julgar verdadeiro com o fim de estabelecer a relação entre as unidades textuais” (MANN, 1999, p. 7). Bernárdez vincula o modelo de análise da RST à idéia de que a organização textual pode ser entendida como “uma série de vias ou opções de continuidade, etiquetadas com as relações da RST” (1995, p. 85). As vias estabelecidas por Bernárdez são: a) Apresentativa, correspondente à categoria de Apresentação da RST; b) Hipotática, correspondente à de Conteúdo; c) Paratática, correspondente à Multinuclear.

A via Apresentativa visa a proporcionar a L informações que assegurem a compreensão ou aceitação do que foi enunciado por P, enquanto que as vias Hipotática e Paratática envolvem enlaces semânticos de elementos textuais. O que diferencia, essencialmente, as duas últimas vias é a importância das partes enlaçadas. Na via Hipotática, temos uma informação secundária ligada a uma nuclear, já na Paratática, há uma seqüencialização em que são apresentadas informações novas – equivalentes em termos de importância para o cumprimento do fim discursivo do texto – sem que sejam desenvolvidos conteúdos anteriores.

Enfim, tanto para Mann e Thompson (2001) quanto para Bernárdez (1995), as unidades que compõem as relações dependerão do objetivo de análise do observador-analista, podendo ser desde orações a capítulos de livros, contanto que seja atribuído um papel a cada unidade no texto e, especialmente, pela reunião das partes. Nesse contexto, o observador-analista deverá, primeiramente, conhecer as categorias de análise do modelo para, depois, examinar o texto e encontrar combinações consistentes de unidades e de relações. A expressão que melhor expressa as conclusões do observador é “é plausível ou crível, do ponto de vista do observador, que foi verossímil do ponto de vista do produtor que escreveu o texto que < a conclusão > é certa” (MANN; THOMPSON, 1988).

### **3. O PROJETO ORTDC (ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DE TEXTOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA)**

O projeto ORTDC teve início em 2006 e concluiu-se em 2007, tendo analisado 120 artigos DC retirados das revistas *Ciência Hoje*, *Scientific American Brasil* e *Fapesp* e dos cadernos de ciência dos jornais *Folha de São Paulo*, *O Estado de São Paulo* e *O Globo*. A unidade mínima de análise na pesquisa foram segmentos contíguos de texto (compostos por uma frase,

um parágrafo ou um conjunto de parágrafos) reduzíveis a uma macroproposição. A metodologia adotada dividiu-se em duas fases: a) quantitativa, em que foi feita a segmentação dos textos, identificação das relações e vias de continuidade, definição do fim discursivo e anotação dos dados observados; b) qualitativa, em que se analisaram os resultados encontrados na fase anterior, verificando-se a distribuição probabilística das relações, de forma a afirmar a existência de uma configuração prototípica do artigo DC. Nesta etapa, objetivou-se, também, proceder à descrição e análise dos processos de tomada de decisão de P por determinadas vias e relações e os efeitos gerados.

#### **4. CONFIGURAÇÃO DO ARTIGO DC: PROTOTIPICIDADE E FIM DISCURSIVO**

##### **4.1 RESTRIÇÕES NA CONFIGURAÇÃO DO ARTIGO DC**

Assumiu-se, no projeto ORTDC, a idéia de que os contextos institucionais de interação e o fim discursivo da interação determinam particularidades quanto à organização retórica do texto.

No caso do artigo DC, verificou-se a influência dos contextos institucionais jornalístico (midiático) e científico (acadêmico). Conforme Leibrunder (2000, p. 230), “a DC é (...) uma prática eminentemente heterogênea, na medida em que incorpora no seu fio discursivo tanto elementos provenientes daquele que lhe serve de fonte – o discurso científico – quanto daquele que pretende atingir – o discurso jornalístico.”

Dessa forma, ambos os contextos impõem restrições à configuração textual, devendo P, ao mesmo tempo em que deve ser fiel aos dados provindos do artigo científico, organizar um texto que interesse e que torne acessíveis as informações ao leitor, de forma que o artigo DC seja lido e compreendido o mais exatamente possível. É justamente em função do domínio midiático que se deve, por exemplo, a ocorrência da relação de Preparação em 60 dos 120 artigos DC do *corpus*, geralmente no título e em forma de metáfora, frase de impacto..., com o intuito de interessar, preparar o leitor para a leitura do texto. Em relação ao domínio científico, a relação mais característica é a de Elaboração, presente em 117 textos, e que é responsável por detalhar informações da pesquisa realizada, como a metodologia empregada, os materiais, utilizados, os resultados obtidos, etc.

O presente trabalho não se deterá na influência dos contextos, mas focar-se-á a importância do fim discursivo, que é igualmente determinante na configuração do artigo DC.

#### 4.2 FIM DISCURSIVO E PROTOTIPICIDADE

No projeto ORTDC, adotou-se a expressão “divulgação científica” para designar textos que difundem conhecimentos científicos na mídia, dirigidos a um público geral. Assim, esperava-se que todos os artigos DC apresentassem como fim discursivo o “fazer saber”, em conformidade com o caráter de divulgação de informações científicas desse tipo textual. O que ocorreu, contudo, é que se verificou a existência de quatro exemplares com fim discursivo diverso, o de “fazer crer”, que acarretou em mudanças na organização retórica desses textos, afastando-os de uma configuração considerada mais prototípica.

A fim de exemplificar a diferenciação ocasionada pela opção por um fim discursivo diferente, segue, de forma breve, a análise de dois textos. O primeiro, *Música clássica alivia dor reumática, diz estudo*, apresenta como fim discursivo o “fazer saber”, enquanto que o segundo, *Aquecimento Global, um predador?*, tem como fim o fazer crer.

Segue o texto publicado no Caderno Ciência de O ESTADO DE SÃO PAULO (O ESTADÃO), segmentado por frases:

##### **(1) Música clássica alivia dor reumática, diz estudo**

SALZBURGO, Áustria - (2) A música clássica pode ter um efeito positivo contra a dor, especialmente a de origem reumática, afirma o especialista austríaco Guenther Bernatzky, diretor de um projeto da Universidade de Salzburgo. (3) O analista expôs sua teoria, confirmada por estudos práticos, em um congresso farmacêutico que acontece até 10 de março em Saalfelden, no estado federado de Salzburgo.

(4) O cientista examinou 65 pacientes que sofriam de dor nas costas e recomendou a 32 deles que todas as noites escutassem música relaxante durante 25 minutos, enquanto o outro grupo recebeu apenas os tratamentos habituais de fisioterapia.

(5) Todos os pacientes deveriam indicar o grau de dor que sofriam numa escala de 0 a 10, e, entre os que receberam o tratamento musical, as queixas caíram em três semanas de 6,5 a 3,5 pontos, enquanto que no outro grupo a queda foi apenas de 5,9 a 5,3.

(6) Também houve considerável melhora nos transtornos do sono sofridos por parte daqueles que escutavam música.

(7) Segundo o idealizador da pesquisa, há resultados parecidos de estudos anteriores em pacientes hospitalares submetidos a uma intervenção cirúrgica que passaram por terapia musical durante o transporte à sala de cirurgia e imediatamente depois da operação.

(8) Nesses pacientes, a duração da estadia no hospital diminuiu de quatro a cinco dias e as despesas por remédios foram reduzidas em 50%.

(9) Os médicos disseram porém que alguns pacientes precisam exatamente do efeito contrário: Enquanto a música que relaxa ajuda contra a dor e o medo, os doentes de Parkinson podem ter melhorias na capacidade motora sendo acordados com músicas.

O texto trata dos resultados de um estudo prático realizado pelo especialista austríaco Guenther Bernatzky, sobre os efeitos da música clássica em pacientes que apresentavam dor nas costas. O fim do texto é justamente o de **divulgar** (fazer saber) o estudo que mostra que a música clássica pode ter um efeito positivo contra a dor.

Para que seja concretizado esse fim discursivo, observam-se as seguintes opções/macroações de P, conforme a análise do observador-analista:

MACROAÇÃO 1 – Estabelece-se uma relação de Resumo, da via Apresentativa: o título – segmento 1 – constitui N e o restante do texto – segmento 2 a 9 – constitui S. É plausível afirmar que a informação trazida em N sintetiza o assunto tratado em S, visando a informar L do que trata o texto.

MACROAÇÃO 2 – Estabelece-se uma relação de Elaboração, da via Hipotática: os segmentos 2 e 3 constituem N e os segmentos 4 a 6 formam S. É plausível afirmar que em N tem-se as informações básicas/principais sobre a pesquisa (quem a fez, o que descobriu e onde foi apresentado o estudo), enquanto que S encerra o detalhamento da pesquisa (metodologia empregada, amostra, principais resultados e resultados secundários), de modo a permitir ao leitor conhecimento mais detalhado da pesquisa.

MACROAÇÃO 3 – Estabelece-se uma relação de Comentário, da via Hipotática – os segmentos 7 a 9 constituem S e o restante do texto – 1 a 6 – compõe N. É plausível afirmar que o segmento S dessa unidade relacional traz informações sobre pesquisas anteriores, que, embora não diretamente vinculadas à pesquisa apresentada em N, são relacionadas ao apresentado em N através de um “gancho temático” (pesquisas envolvendo música como terapia).

As relações observadas neste texto mostraram-se bastante recorrentes no *corpus* do ORTDC, podendo-se afirmar, portanto, que *Música clássica alivia dor reumática, diz estudo*, aproxima-se de uma configuração prototípica do artigo DC.

As relações mais frequentes nos textos do *corpus* foram: a) Elaboração (presente em 117 textos), b) Resumo (97), c) Comentário (80), d) Preparação (60), e) Fundo (41), f) Interpretação (39). Em geral, os textos iniciam com relações da via Apresentativa (Resumo, Preparação ou Fundo), apresentam a relação de Elaboração no corpo do texto e finalizam com relações da via

Hipotática (Comentário, Interpretação ou até mesmo Elaboração). Dessa forma, embora ainda não findado o projeto ORTDC, a recorrência de certas relações nos textos do *corpus*, bem como a não ocorrência de outras (como Lista, Seqüência, Reformulação ou Propósito), e a predominância do fim discursivo de “fazer saber” (presente em 116 textos) já permitem afirmar a existência de uma configuração prototípica do artigo DC. Um exemplar bastante bom do artigo DC prototípico é, pois, o texto apresentado acima.

Apresenta-se, na seqüência, a análise do segundo artigo, produzido por Julio Molica:

**(1) Aquecimento global, um predador?**

**(2) Mudanças climáticas podem ter exterminado mais de 70 espécies de sapos do continente americano**

**(3)** Pela primeira vez, dados concretos associam o aquecimento global à extinção de diversas espécies de anfíbios. **(4)** Pesquisadores encontraram uma forte correlação entre o aumento da temperatura do ar e da superfície dos oceanos e a proliferação de um predador acusado de exterminar dois terços das espécies de sapos do gênero *Atelopus*, que ocorrem nas Américas Central e do Sul. **(5)** Publicados na revista *Nature* de hoje, os resultados já estão gerando controvérsia entre especialistas no mundo inteiro.

**(6)** Segundo os autores da pesquisa, coordenada por J. Alan Pounds, da Reserva de Floresta Tropical de Altitude de Monteverde, na Costa Rica, o aumento da temperatura global cria condições ideais para a reprodução do fungo patogênico quitrídeo (*Batrachochytrium dendrobatidis*). **(7)** O calor acelera a formação de nuvens nos trópicos, o que diminui as temperaturas diurnas e aumenta as noturnas.

**(8)** No entanto, outros fatores podem estar por trás das extinções. **(9)** “O fungo pode ser uma das causas do extermínio dos sapos, mas ele atua em conjunto com outros agentes, como vírus e bactérias”, acredita o herpetólogo Luis Felipe Toledo, da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp). **(10)** “De qualquer forma, o calor deixa os anfíbios mais vulneráveis.”

**(11)** Apesar de alguns especialistas estrangeiros terem apontado a costa brasileira como um dos locais de maior ameaça para os sapos, há poucos registros da presença do fungo no país. **(12)** Segundo Toledo, apenas dez casos de ataques de quitrídeos foram registrados. **(13)** “Porém, as pesquisas de campo ainda estão começando no Brasil e se sabe muito pouco sobre o fungo”, pondera o herpetólogo. **(14)** “É provável que surjam novos casos de infecção.”

**(15)** Os sapos contaminados foram encontrados apenas no norte do estado de São Paulo e no sul de Minas Gerais, mas ainda não foram feitas buscas em locais como o cerrado brasileiro. **(16)** “Se forem encontrados casos lá e na mata atlântica, o fungo terá dominado quase todos os ecossistemas do país”, diz o pesquisador. **(17)** De acordo com ele, foram registrados casos apenas com anfíbios, como sapos e salamandras. **(18)** “Aparentemente o quitrídeo não contamina seres-humanos.”

(19) O fungo ataca tanto sapos adultos, como girinos. (20) Nesta fase inicial da vida do animal, o quitrídeo se fixa na cobertura de queratina dos dentes do animal. (21) A convivência neste período é tranquila. (22) Porém, quando chega à fase adulta, o ataque se torna letal: o fungo investe na pele dos sapos, que, por se tratar de um de um órgão extremamente fino e importante para a respiração, é muito frágil. (23) Segundo especialistas, qualquer interferência pode causar a morte do animal.

O texto trata de uma pesquisa publicada na *Nature*, que associa o aquecimento global à reprodução do fungo patogênico quitrídeo (*Batrachochytrium dendrobatidis*), responsável pela morte de anfíbios. O que se tem em foco aqui, porém, não é a pesquisa em si, mas a controvérsia gerada a partir dela. O fim discursivo, assim, é o de “fazer crer” o leitor de que realmente existem motivos para a controvérsia gerada.

Para que seja concretizado esse fim discursivo, observam-se as seguintes opções/macroações de P, conforme a análise do observador-analista:

MACROAÇÃO 1 – Estabelece-se uma relação de Preparação, da via Apresentativa: o título – segmento 1 – constitui S e o restante do texto – segmentos 2 a 23 – forma N. É plausível afirmar que P mobiliza tal relação a fim de, por meio de uma pergunta, provocar uma indagação sobre o assunto da pesquisa, instigando o leitor a ler o restante do texto.

MACROAÇÃO 2 – Estabelece-se uma relação de Fundo, da via Apresentativa: o subtítulo – segmento 2 – compõe N e os segmentos 3 a 23 formam S. É plausível afirmar que a informação genérica apresentada em N leva o leitor à leitura do texto para a obtenção de dados que facilitem a compreensão de N.

MACROAÇÃO 3 – Estabelece-se uma relação de Concessão, da via Apresentativa: o segmento 8 constitui N e os segmentos 3 a 7 compõe S. O efeito da relação de Concessão é fazer com que L, reconhecendo certa compatibilidade entre N e S, acabe por aderir a N. Na relação em estudo, em S, verifica-se que P apresenta a pesquisa e seus resultados, sem alegar que a pesquisa não se mantém. Em N, contudo, P informa a possibilidade de outros fatores, não simplesmente o aquecimento global, exercerem influência na extinção dos sapos.

É possível que, com a informação veiculada em N, P leve o leitor a uma atitude positiva em relação à idéia de que seja possível uma não correlação direta e exclusiva da extinção de várias espécies de anfíbios por contaminação por fungo predador e o aquecimento global (tese apresentada na pesquisa). Falta ao leitor, porém, provas para crer nessa posição. É o que será apresentado na relação que segue no texto.

MACROAÇÃO 4 – Estabelece-se uma relação de Evidência, da via Apresentativa: o segmento 8 forma N e os segmentos 9 a 18 constituem S. O efeito desejado da relação de Evidência é fazer com que a assimilação de L das informações contidas em S levem a uma maior crença no exposto em N. É plausível crer que P reporta no texto as opiniões do pesquisador brasileiro Júlio de Mesquita Filho (Unesp), as quais relativizam as conclusões da pesquisa, para que L as reconheça como provas para o que foi afirmado em N. Em outras palavras, os dados fornecidos pelo herpetólogo brasileiro funcionam como provas que objetivam levar o leitor a crer que há outros fatores para a extinção de anfíbios que não somente o aquecimento global.

MACROAÇÃO 5 – Estabelece-se uma relação de Elaboração, da via Hipotática: os segmentos 7 a 13 compõem N e os segmentos 19 a 23 formam S. É plausível afirmar que a relação finaliza o texto detalhando, em S, o modo de ataque do quitrídeo aos anfíbios, fornecendo ao leitor maiores informações sobre a atuação do fungo em questão.

Observa-se, neste texto, um maior distanciamento da configuração prototípica do artigo DC, uma vez que são mobilizadas relações não muito recorrentes nos textos do *corpus*, como Evidência e Concessão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao verificar-se a alteração na configuração textual em função da mudança de fim discursivo, remete-se a algumas postulações de Bernárdez, segundo as quais existe uma macroestratégia geral que articula os fenômenos textual, sintático e semântico do texto. Conforme o lingüista, “os tipos de texto se constroem a partir de uma macroestratégia básica que se articula em uma série de subestratégias de acordo com os fins concretos do texto” (BERNÁRDEZ, 1995, p. 169).

No caso dos artigos DC, verificou-se que o “fim concreto” é o de “fazer saber”, atrelado ao caráter desse tipo textual de divulgação de informações científicas. A opção por esse fim levará provavelmente a uma configuração mais prototípica, com a mobilização de relações como Elaboração, Resumo, Comentário, Preparação, Fundo e Interpretação (as mais recorrentes nos textos do *corpus* analisado no projeto ORTDC). Já a opção por um fim diverso, o “fazer crer”, ocasiona uma maior afastamento em relação a uma configuração prototípica, uma vez que acarreta lançar mão de relações não muito recorrentes nos demais textos, de modo a concretizar o fim pretendido.

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935  
Educação, Cultura, Linguagem e Arte  
www.unioeste.br/travessias

Ressalte-se que, embora tenha havido um afastamento da configuração prototípica, os artigos DC com fim “fazer crer” não deixaram de apresentar traços que os relacionam a textos de divulgação científica. A veiculação de informações sobre pesquisas científicas não deixou de se fazer presente nestes textos, embora não fosse o objetivo central, mas sim um “pano de fundo” para a questão em discussão. Isso parece confirmar a teoria de Bernárdez de que são imprecisos os limites dos tipos de texto. Nas palavras do lingüista, o que se tem são “melhores” ou “piores exemplares” de um tipo textual, ou seja, textos mais próximos ou mais afastados de uma configuração considerada prototípica (de um texto ótimo).

Assim, tendo-se em vista o projeto ORTDC, pode-se dizer que os artigos DC cujo fim é o de “fazer saber” representam “melhores exemplares” desse tipo textual. A existência de alguns “piores exemplares”, ou seja, artigos com fim “fazer crer”, revelam a complexidade da configuração textual, evidenciando a problemática com que se defronta o estudo sobre tipologia textual.

## REFERÊNCIAS

BERNÁRDEZ, E. *Teoría y epistemología del texto*. Madrid: Cátedra, 1995.

BERNÁRDEZ, E. Las macroestructuras textuales como objeto del estudio lingüístico. *Actas de las I Jornadas e lengua y Literatura Inglesa y Norteamericana*. Logroño: Colegio Universitario, 1989. p. 107-119

CHARAUDEAU. Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

ESTADÃO. *Música clássica alivia dor reumática, diz estudo*. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/ciencia/noticias/2006/mar/08/152.htm>. Acesso em: 18/03/2006.

MOLICA, Julio. Aquecimento global, um predador? *Ciência Hoje on line*. Disponível em <<http://cienciahoje.uol.com.br/controlPanel/materia/view/4172>>. Acesso em: 13 jan. 2006.

LEIBRUDER, Ana Paula. O discurso de divulgação científica. In BRANDÃO, Helena Nagamine (org.). *Gêneros do discurso na escola: mito, conto, cordel, discurso político, divulgação científica*. São Paulo: Cortez, 2000.

MANN, W.C.; MATTHIESSEN, C.M.I.M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and Text Analysis. In: MANN, W.C. & THOMPSON, S.A. *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam, John Benjamins. 1992. p. 39-77.

TRAVESSIAS ED. 03 ISSN 1982-5935  
Educação, Cultura, Linguagem e Arte  
[www.unioeste.br/travessias](http://www.unioeste.br/travessias)

MANN, W.C; THOMPSON, S.A. *Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization*. *Text* 8, v. 3, p. 243-281, 1988.